

## O CHEIRO DO RALO: O EU MODERNO E O AROMA DO CAOS

### *O CHEIRO DO RALO: THE MODERN SELF AND THE AROMA OF CHAOS*

Pedro Anselmo Carvalho Neto  
Mestre em Literatura e Diversidade Cultural  
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).  
(p.carvalhoneto1@gmail.com)

**RESUMO:** O presente trabalho se propõe a estudar o romance contemporâneo **O Cheiro do Ralo** (2006), de Lourenço Mutarelli (1964), na perspectiva analítica da formação do **eu** no contexto da alta modernidade. Assim, focalizaremos na figura do herói problemático da obra os conceitos de **segurança ontológica, confiança básica, autoidentidade e ansiedade**, procurando entender a construção de sua conturbada narrativa pessoal e a interação conflituosa dele, herói, com os outros e com o mundo. Para tanto usaremos o referencial teórico de Berman (1982), Freud (1996) e, especialmente, de Giddens (2002) como fundamentação comprobatória das reflexões levantadas.

**Palavras-chave:** Modernidade. Autoidentidade. Interação.

**ABSTRACT:** This paper aims at studying the contemporary novel **O Cheiro do Ralo** (2006), Lourenço Mutarelli (1964), in the analytical perspective of the formation of the self in the context of high modernity. Thus, we will focus on the figure of the problematic hero of the work, the concepts of **ontological security, basic trust, self-identity and anxiety**, trying to understand the construction of his troubled personal narrative and the conflictual interaction of himself, hero, with the others and with the world. To do so, we will use the theoretical framework of Berman (1982), Freud (1996) and especially Giddens (2002) as justification for back-reflections raised.

**Keywords:** Modernity. Self-identity. Interaction.

### **Do aroma que se fez caos**

**O Cheiro do Ralo**, lançado em 2002, é o primeiro romance de Lourenço Mutarelli, que antes já havia se consagrado como um dos mais importantes autores de quadrinhos nacionais. Na elaboração de suas histórias, o autor trabalha com personagens atípicos frutos da histeria urbana e dos dilemas existenciais da alta modernidade, que são impelidos a viverem situações capitais em suas narrativas. É o mundo moderno e seus reflexos na constituição das autoidentidades.

Romance muito bem recebido por crítica e público, **O Cheiro do Ralo** possui um ritmo narrativo frenético, de frases curtas e precisas, estabelecendo uma leitura fluente e atrativa. Compartilha-se com o personagem sem nome os mais variados sentimentos durante sua conturbada trajetória: antipatia, raiva, indignação, surpresa, risos, compaixão por ele e pelos demais personagens, excitação, catarses várias no processo de narração. Perspicaz a observação analítica do poeta e músico Arnaldo

Antunes (1960), na contracapa do livro, ao dizer que o leitor acaba por simpatizar e torcer pelo narrador, apesar de ser meio desprezível.

É a narrativa em primeira pessoa do dono de uma loja de compra e venda de objetos usados que “tem história” (MUTARELLI, 2006, p. 45)<sup>1</sup>. Um homem de meia idade, calvo, parecido com o ator do comercial de uma famosa palha de aço. Sem relações familiares: não gosta de falar com sua mãe nem pelo telefone; desfez o casamento às vésperas da cerimônia, quando já estavam “os convites na gráfica” (p. 12); um homem que nunca conheceu seu pai. Um ser atormentado pelo cheiro de um ralo do banheiro da sua loja de penhores, e obcecado por uma parte física de uma garçonete – **as nádegas**. Ele é egoísta, hipócrita, presunçoso, sarcástico, solitário, e nunca responsável pelos acontecimentos de sua vida. Sempre o que, em sua visão, ocorre de errado, a culpa ou influência é de um objeto: um olho de vidro, um pacote com feitiço, um **ralo**.

O livro é um grande painel da difícil relação do **eu** com os outros e com o mundo e do **eu** com sua própria formação existencial. **O Cheiro do Ralo**, em síntese, é a história da procura. Os itinerários traçados pelo protagonista serão percorridos à medida que o aroma do caos impregna um **eu moderno** ávido por sua autoidentidade.

Passemos então agora às veredas do mundo do herói e sua desesperada elaboração de uma narrativa biográfica e ao teste de resistência ao cheiro do ralo.

### **O projeto reflexivo do eu na modernidade**

Constituir-se como um agente social em equilíbrio no mundo moderno é criar uma atitude reflexiva consciente de que esse contexto pode ser cercado não só de diversas vantagens, mas também de riscos e desafios. Berman (1982, p. 15) afirma que a modernidade é um conjunto de experiências vitais comuns a homens e mulheres na atualidade – “experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida”. Segundo o autor, ser moderno é fazer parte de um cenário promissor das mais variadas benesses – desenvolvimento, felicidade, poder e aventura. Todavia, esses benefícios oferecidos pela **sedução mefistofélica** podem cobrar um preço caro a condição humana, pois há impingido

---

<sup>1</sup> Todas as demais citações foram retiradas desta edição, passando-se a indicar apenas as páginas respectivas.

no mesmo pacote encantatório da modernidade uma ameaça constante em devastar o que trazemos, conhecemos e somos.

Diante de tal complexidade dialética bastante comum à modernidade, um “fenômeno perturbador e tumultuado”, consoante Giddens (2002, p. 21), há uma necessidade em sabermos enquanto seres humanos o que fazemos e por que fazemos em uma reflexividade que atinge o núcleo do **eu (projeto reflexivo)**. Bem mais imperioso na modernidade – devido aos seus fatores de transformação e dinamismo contínuos – que em períodos pré-modernos é termos ciência da nossa condição socioexistencial perante os outros, os objetos e a si mesmo, e numa constante autoanálise, perguntar-se sempre “**o que devo fazer?**”. Questionamentos de ser-e-estar no mundo tornam-se mais comuns na era moderna do que em um mundo tradicional onde as posições dos atores sociais já estavam preestabelecidas pelas condições de lugar e tempo, sem **descontinuidade** e sem prejuízo às determinações de função e deveres na comunidade. Giddens (2002) diz que:

“O mundo moderno é um ‘mundo em disparada’: não só o **ritmo** da mudança social é muito mais rápido que em qualquer sistema anterior; também a **amplitude** e a **profundidade** com que ela afeta práticas sociais e modos de comportamento preexistentes são maiores.” (GIDDENS, 2002. p. 22).

Para Giddens (2002), a necessidade que temos na modernidade de tentar se enquadrar satisfatoriamente na engrenagem social, respondendo a questões de aspectos tanto emocionais quanto cognitivos, está ligada, sobretudo, a uma formação da **segurança ontológica** bem constituída desde a infância.

A construção na vida adulta do indivíduo de uma competência capaz de lidar bem com questões emocionais e cognitivas e de estabelecer dadas rotinas cotidianas que ajudem a organizar um ambiente de equilíbrio é orientada fundamentalmente pela ideia de **confiança básica**. Desde a infância o sujeito é uma formação em **devir**, é uma atividade de se constituir como **ser** na própria experiência dessa aprendizagem, ou, como explica Giddens (2002, p. 42), “a criança pequena não é um ‘ser’, mas um ‘ser sendo’” dependente a todo o momento das referencialidades educativas de seus cuidadores. É a época da vida que começamos a estabelecer as disciplinas de rotinas formadoras das bases para uma existência, para uma ontologia consistente, lidando com as noções do **ser** e do **não-ser**, ou seja, do **eu** e do **não-eu** (o indivíduo e o outro no mundo: meu semelhante, a

natureza, os objetos). A criança nessa fase começa a desenvolver um sentido de fé pautado naqueles que cuidam dela; é quando se estabelece a ideia de confiabilidade nas pessoas de acordo com as primeiras experiências da infância. Nesse momento, se constrói a confiança básica do indivíduo que lhe proporcionará um norte cognitivo-emocional em conjunção com os outros, o mundo e a si mesmo. Na infância, é o saber-se seguro mesmo na ausência dos pais, acreditando que eles voltarão; é o sentido de onipresença confortante indicando a base para aceitação de uma realidade inusitada.

Na fase adulta, o sujeito se utiliza da confiança básica para alimentar a noção de continuidade diante dos perigos e riscos da vida ordinária no seu processo de ação e interação com o mundo. Segundo Giddens (2002), é o **casulo protetor** ou a **carapaça defensiva** que o indivíduo normal possui para o **seguir em frente**. Essa proteção forjada pelo ser é de suma importância para a manutenção de sua saúde corporal e psíquica; é o conhecimento de que temos condições de enfrentar tanto as adversidades apresentadas quanto aquelas possíveis de surgir no decorrer do processo, mesmo tendo a consciência de nossa vulnerabilidade diante do caos eternamente vigilante. Tal confiança alicerça a segurança ontológica estabelecida pela ideia de prosseguimento e organização nos eventos ponderáveis e imponderáveis. Criaremos para isso uma **consciência prática** responsável por organizar e por em funcionamento nossa existência, é a concepção de que para seguirmos adiante também é preciso naturalizar ou **colocar entre parênteses** questões humanas complexas, não deixando nos dominar permanentemente por ansiedades ou o **horror** (caos), segundo Kierkegaard (apud GIDDENS, 2002, p. 41), que possam colocar em risco o nosso ser-e-estar no mundo.

Diante do processo formativo supradito, caso haja uma falha na sua construção, isso implicará um reflexo significativo na maneira como encaramos o mundo e como lidamos com nossa autoidentidade na vida adulta. Segundo Giddens (2002, p. 54), há “algo que deve ser criado e sustentado rotineiramente nas atividades reflexivas do indivíduo”, a isso ele denomina de autoidentidade. Ao contrário das comunidades pré-modernas, onde se trazia a concepção de que sina e destino já estavam traçados para a existência de seus agentes sociais, a modernidade apresenta uma gama extensa de possibilidades a se seguir, no entanto não traz atrelado a isso qual delas é mais **adequada** a cada indivíduo. Na pré-

modernidade já havia uma identidade estabelecida pela tradição do lugar e todos deveriam segui-la normalmente; na sociedade moderna as decisões precisam ser tomadas para dar sentido ao **eu** diante das infinitas possibilidades. É a reflexividade para a construção de uma narrativa pessoal; a maneira que temos de refletir diante de todo conhecimento científico e cultural para nos ajudar a tomar decisões e assumir condutas no processo existencial. A autoidentidade, consoante Giddens (2002, p. 54), “É o eu compreendido reflexivamente pela pessoa em termos de sua biografia”. Esse processo é de fundamental importância para que não fiquemos em uma catalepsia emocional-cognitiva perante as oportunidades e os riscos oferecidos pela modernidade.

Na leitura de obras literárias, podemos encontrar muitos dos conceitos trabalhados por Giddens na sua reflexão sobre a alta modernidade. O romance contemporâneo **O Cheiro do Ralo**, de Lourenço Mutarelli, pode ser lido na perspectiva analítica exposta por Giddens no que se refere a seu protagonista e sua conturbada existência em uma sociedade moderna. O nosso herói é um característico personagem das construções artísticas de Lourenço Mutarelli, autor já consagrado no **HQ** com figuras simbólicas da depressão urbana impelidas a viverem situações capitais em suas existências. Em um mundo citadino onde a neurose cotidiana determina as atuações de seres perturbados, se enquadrará a análise do nosso protagonista, dando-nos a oportunidade de refletir sobre as mais variadas ações durante seu turbulento curso de vida.

O proprietário da loja de penhores é uma figura solitária, avesso às relações humanas: com a mãe nem pelo telefone a comunicação é bem sucedida; nunca conheceu seu pai e tenta montá-lo na bizarrice do monstro de um *Frankenstein* contemporâneo (mais adiante retornaremos a esse ponto); no contato com seus clientes há sempre desdém e arrogância de sua parte; e às vésperas do seu casamento desfaz friamente o compromisso com a noiva (o trágico é que já estavam “os convites na gráfica” – p. 12). Um ser torturado pelo cheiro de um ralo do banheiro que só ele usava em sua loja; deslumbrado por uma peculiar parte anatômica de uma garçonete – **as nádegas**. Ele é egocêntrico, cínico, arrogante, mordaz, solitário, e, sobretudo, com uma enorme dificuldade de estabelecer a construção de sua autoidentidade.

Começemos por buscar na infância do ser, assim como faz Giddens, uma explicação para o perfil existencial tão problemático do nosso herói moderno. Na narrativa d'**O Cheiro do Ralo** não há enfoques aprofundados dessa fase de vida do protagonista; mas os indícios apresentados são suficientes para entendermos uma vivência infantil que deixou marcas permanentes na vida adulta do herói. De acordo com a narrativa, não foi dado ao protagonista nem a chance da experiência da hipótese da perda de um dos seus elementos cuidadores – o pai (pois esse nunca esteve presente), o que pode ter ressonância clara na composição da sua confiança básica. Giddens (2002) afirma que:

... confiar é também (consciente ou inconscientemente) enfrentar a possibilidade da perda: no caso da confiança básica da criança, a possível perda da ajuda da figura que cuida dela. O medo da perda gera esforço; as relações que sustentam a confiança básica são "trabalhadas" emocionalmente pela criança juntamente com o aprendizado do "trabalho cognitivo", que deve ser aplicado até mesmo na mais repetitiva encenação de convenção. (GIDDENS, 2002, p. 44).

Para o protagonista não há o medo da perda; há a perda já institucionalizada do pai, não existindo assim a necessidade de um fortalecimento da confiança. O que resta ao personagem é apenas uma lacuna, um espaço vazio deixado pelo pai; há somente ausência sem aceitação da ausência. Como o herói não convive com seu pai na infância, lhe é negado o direito de desenvolver o **espaço potencial**, que de acordo com Winnicott (*apud* GIDDENS, 2002), é um elemento de tempo-espaço formador da confiança básica. O espaço potencial proporciona à criança a ideia de segurança; um entendimento do princípio de realidade gerado nas relações entre ela e seus cuidadores. A criança passa a desenvolver a ideia de que mesmo ausentes seus pais irão retornar em um determinado momento.

A presença e a afetividade maternas na vida infantil do herói do romance é uma incógnita para nós leitores; não temos a dimensão dessas relações entre mãe e filho. O que podemos é apenas pressupor que também tenha sido falha a interação entre ambos, pois o tratamento dado pelo protagonista na vida adulta em relação ao componente materno é de distância, rejeição e impessoalidade, como se nota na passagem em que a recepcionista da loja anuncia um telefonema: "É a mãe do senhor. Fala para ela ligar outra hora... A mãe do senhor disse que quer falar agora. Fala que agora tem gente na fila..." (p. 72). Se o pai estabeleceu uma ausência de

tempo e espaço desde sempre com o protagonista, o mesmo ele transfere para a mãe em sua vida adulta.

Um dos grandes temas do livro de Mutarelli (2006), muito comum, por sinal, ao sentido da modernidade, é a busca de algo: objetos penhorados, as nádegas de uma garçonete, a figura paterna, por exemplo. Essa última é forjada a partir da compra de um olho artificial e de uma prótese mecânica. Começa-se a construção esdrúxula de um pai. Notamos o esforço do protagonista na tentativa de instituir um vínculo tecido na invenção de uma narrativa de experiência unilateral:

Eu já tenho o olho. Agora que paguei, tenho a perna. Sei que com o tempo, vou montá-lo. Vou montar o meu pai. Meu pai Frankenstein. O pai que se foi. Se foi, antes que eu o tivesse. Foi, antes de eu nascer. Nem me viu. Nunca voltou. Foi. Ele só saiu com minha mãe, uma vez. Eu nem sei o seu nome. Nem sei se um nome ele tem. Ele nem sabe como eu sou. Ele nunca me viu. Eu, só o imaginei. A vida inteira. Eu mesmo lhe dei um nome. Eu mesmo o batizei. Eu mesmo cuidei de criá-lo. De cada detalhe, eu cuidei. Meu pai, fui eu que inventei. Ele nunca soube o que eu sinto. Não soube o quanto o amei. Ele não sabe que rezo todas as noites. Ele não sabe. Ele não sabe como é minha cara. Nem sabe como ela foi. Não sabe que eu fui criança. Não sabe que a cicatriz do joelho foi da vez que eu caí. Ele não sabe que existo. E que tenho a cara do Bombril. Ele meteu rapidinho em minha mãe, e se foi. Eu fiquei. Ele é mais triste que eu. Talvez, ele não tenha ninguém. Eu tenho ele. Meu pai Frankenstein. (MUTARELLI, 2006, p. 111).

Na reconstituição do seu pai, o protagonista tenta dar materialidade a um ser imaterial e ausente:

De todas as coisas que tive, as que mais me valeram, das que mais sinto falta, são as coisas que não se pode tocar. São as coisas que não estão ao alcance de nossas mãos. São as coisas que não fazem parte do mundo da matéria. (MUTARELLI, 2006, p. 89).

Freud ([1901] 1996a) esclarece que no processo mnemônico há uma triagem das impressões que lhe são apresentadas, ou seja, existe uma **natureza tendenciosa** na atuação da nossa memória. Ao recordar a infância, o indivíduo adulto seleciona impressões significativas em detrimento às lembranças desinteressantes. O diferenciador na narrativa d'**O Cheiro do Ralo** é que o protagonista realiza uma seleção mnêmica por meio de elementos de negação e, sobretudo, de ficcionalidade. Somente assim ele consegue construir sua autoidentidade, pois se as experiências relevantes não existiram então o

personagem inventa, porém não pode viver sem. Tudo é inventado a partir de algo que deveria ter existido, mas não houve. A falta do pai é de forma tão marcante para a constituição existencial do protagonista que as marcas significativas na memória serão pautadas por uma ausência permanente do início ao fim da infância, refletindo, como dito anteriormente, na sua confiança básica na fase adulta.

Outro fragmento do romance exemplificador da memória seletiva ficcionalizada, devido à falta do pai, é quando um cliente lhe oferece uma coleção de soldadinhos de chumbo. A criação de uma história de feitos heroicos de seu pai começa a fluir: ele lutou na Segunda Guerra, morreu em combate e só restou o olho (objeto qualquer comprado de um cliente) de recordação, mas quase foi salvo da explosão fatal de uma granada por aquele mesmo homem que está ali vendendo os soldados de chumbo. A euforia é tamanha na ficcionalidade da memória que ambos saem abraçados pela loja e o protagonista distribui cigarros e dinheiro a todos os presentes – “Falo bem alto: Este é o meu amigo. Ele quase salvou a vida de meu pai!” (p. 46).

Partindo dessas reflexões que nos deram uma possível visão explicativa das origens dos laços afetuosos familiares do protagonista, entendamos agora a construção da sua autoidentidade, confiança básica e segurança ontológica explicitada na **interação** com o **outro** e com o **mundo**.

À luz de Giddens (2002), quanto mais frágil a biografia fornecida de si mesmo, mais problemática será a questão existencial da autoidentidade. A continuidade de uma narrativa particular e sua relação com os outros no dia a dia não devem ser integralmente fictícias. O **eu** precisa construir sua história pautado em eventos que acontecem no mundo exterior, afiança ainda Giddens (2002).

A questão inicial da autoidentidade do nosso herói complica-se porque sua biografia é ficcionalizada ao **extremo**. Essa ficcionalização é uma maneira desesperada de criação da narrativa biográfica para suprir a que não havia. É o preenchimento de lacunas do passado instituindo uma narrativa particular demasiadamente inventada. Suas memórias da infância que poderiam lhe dar suporte para a formação de sua confiança básica são fantasiadas, e, devido a isso, frágeis para sua segurança ontológica. Mas isso é apenas a compreensão dos fatos realizada nas origens da vida do protagonista, que claro tem reflexos em seu desenvolvimento. Passemos a nos deter nos acontecimentos do presente na



narração d'**O Cheiro do Ralo** para entendermos a dinâmica de um ser envolto nas questões impostas pela modernidade. Assim como acontece com todos os agentes sociais da modernidade, a autoidentidade do protagonista é perpassada continuamente por ameaças, riscos e ansiedades. Todavia o que nos chama a atenção é que ele, devido à falha nas construções de sua confiança básica e segurança ontológica, lida geralmente de maneira tão tensa que prejudica a harmonização dos conflitos apresentados.

Iniciemos a análise partindo da **experiência dos outros**. Na interação com os outros indivíduos, as interpretações das ações e dos traços são sempre realizadas na defensiva. Falta-lhe o que Goffman (apud GIDDENS, 2002, p. 49) denomina de “indiferença civil”. O **outro** para o protagonista é sempre uma ameaça, nunca um igual, pois não foi alimentado nele o estatuto de confiança, de **fé** no semelhante. Despreza as mulheres: aversão pela mãe; frieza com a noiva no término do casamento às vésperas da cerimônia; constrangimento à cliente drogada ao fazê-la tirar a roupa em troca de dinheiro para ele se masturbar; relação sentimental com a garçoneite restringida a seu atributo físico (as nádegas), pagando inclusive para poder ver e satisfazer sua busca. Reifica seus clientes na interação comercial: “Eu só não gosto das pessoas de verdade.” (p. 39); “Nunca gostei de ninguém” (p. 12); os humilha: “... tinha que ser forte. Tinha que ser frio... para ter o meu lucro” (p. 53); torna-se sádico: “Eu adoro fazê-los voltar quando trazem coisas pesadas”; “Vibro por dentro” (p. 48) – manda voltar de ônibus o homem que trouxe a pesada máquina de escrever; “Eu não quero” / “Porque não gostei da sua cara” (p. 35) – não compra uma caneta de ouro de um senhor desesperado; “Agora quando ele quiser ouvir a música que sua mãezinha tocava, vai ter que esperar pelo gás” (p. 91) – ao humilhar um sujeito que vende uma caixa de música e tem como principal argumento ser a mesma música tocada por sua mãe ao piano quando era pequeno; o herói o destrói ao associar a melodia ao toque do caminhão do gás.

O segundo elemento crucial para desvendarmos o nosso herói é sua relação com o mundo e a **ansiedade** gerada a partir disso. Como já vimos, o primeiro sistema de segurança do protagonista foi fortemente abalado pela ausência do pai; o centro do **eu** e a segurança ontológica foram estremecidos. O desamparo paterno pode ter gerado uma hostilidade contrária aos sentimentos de amor, confiança, esperança e coragem, segundo Giddens (2002). O agravante no caso do

personagem d'**O Cheiro do Ralo** é que dessa provável hostilidade surge uma tendência a ansiedades diversas: um vulto amedrontador no apartamento; **nádegas** a serem conquistadas; o dia de domingo, sua inutilidade comercial, a solidão e o tédio; e a maior de todas as ansiedades enfrentadas – o cheiro nauseabundo de um pequeno ralo no banheiro. Poderíamos aqui chamar esses eventos apenas de medo ou apreensão, pois apontam para um objeto e Freud (apud GIDDENS, 2002, p. 48) lembra que ansiedade não “tem um objeto”. No entanto, o estado perturbador do protagonista é tão permanente e desestabilizador de sua segurança ontológica que cabe classificar esses episódios, mormente a insistência incômoda e perseguidora do cheiro do ralo, como ansiedades que vão além da condição normal de enfrentamento e resolução dos desafios e riscos do cotidiano na modernidade. Temos, de fato, uma ansiedade neurótica, uma esquizofrenia desenvolvida pelo personagem da história, um estado de compulsão fóbica contínua.

A criação de um artifício inusitado (um ralo de aroma desagradável) e desencadeador de ansiedade no protagonista acaba por lidar com o que Freud ([1914] 1996b, p. 137) chama de “o tema do estranho”, um elemento estético na obra literária relacionado com o assustador, aquilo que gera horror. O ralo para o protagonista é o **portal do inferno**, ou seja, uma referencialidade metafórica do ameaçador, do que desestabiliza o **eu** e sua reflexividade sobre o mundo e os outros. O ralo é o espelho, a contemplação da imperfeição do seu ser, é o pedaço do seu universo que refrata a porção insegura da sua personalidade, é o **demônio da ansiedade** na pessoa do protagonista:

Caminho até o banheirinho e descubro o ralo.  
Deitado de bruços, inalo.  
Trago.  
Para ele o ralo sou eu.  
Observo, atento o buraco.  
Nesta pose relembro o Narciso que o Caravaggio pintou.  
Só que não há o reflexo.  
Só há o escuro que sou.  
E isso, é tudo o que me resta para amar (p. 138).

O cheiro perseguidor transtorna a tal ponto a já fragilizada confiança básica do **eu**, que não há, em alguns momentos, nem a encenação de segurança perante o **outro**: “O cheiro é do ralo” (p. 15); “O cheiro vem do ralo” (p. 16); “O cheiro é do ralo, vou logo falando” (p. 19); “Só não quero que eles pensem que o cheiro do ralo é

meu.” (p. 17). O temor é tão significativo que o protagonista se abala com um silogismo capcioso de um cliente: “O cheiro vem de você”; “Quem usa esse banheiro?”; “E então, de onde vem o cheiro?” (p. 16-17). A forma de reflexividade do protagonista aponta para um ser perpassado pela ansiedade e com uma acentuada dificuldade em lidar com questões simples do cotidiano. O que lhe quebra a rotina (casa-trabalho) lhe desarticula e causa inquietação neurótica. Um ralo que fede e ele manda entupir com cimento, depois desentope e suga seu odor – “E depois de forçar mais um pouco, o cimento cedeu. Foi pura emoção esse nosso reencontro. O cheiro subiu encorpado. Nas narinas até me ardeu” (p. 81); ou umas nádegas que aparecem e ele precisa a todo custo conquistá-las, mas que tivesse que pagar para isso – “Aí eu pagava. Aí ela me mostrava a bunda meio contrariada. Porque precisava da grana. Eu tinha o poder e estava no comando.” (p. 43).

O protagonista não irá resolver satisfatoriamente seus dilemas. A garçonete acabará cedendo aos pedidos do herói por necessidade financeira. Ele verá, tocará e possuirá o objeto desejado, mas depois da conquista só o vazio existe, pois aquela busca chagara ao fim:

... Esta bunda, que agora abraço, era a minha salvação.  
 A bunda é, e sempre foi, o desejo, a busca de tentar alcançar o inatingível. Esta bunda era, enquanto impossível, enquanto alheia, o contraponto do ralo. Mas o que eu realmente buscava não estava ali. Nem tampouco em outro lugar. O que eu buscava, era só a busca. Era só o buscar.  
 E por isso agora já não há mais desejo, só cansaço. Só o vazio. Só a certeza do incerto.  
 Agora é preciso encontrar algo novo, de preferência uma bunda nova, para acreditar. Uma nova bunda em que eu possa crer. Nessa bunda eu não creio mais. Não que ela minta, ou tenha um dia mentido, para mim. Não. O mentiroso sou eu (p. 134).

Interessante observarmos nesse fragmento como o ideal da modernidade se manifesta de maneira bem evidente. A necessidade de buscar o inatingível, e mesmo alcançando-o, a constatação frustrante de que não conseguiu nada, só o cansaço e o vazio; é preciso buscar algo novo para a permanência da busca. O herói d’**O Cheiro do Ralo**, lembrando Berman (1986), é nesse instante de conquista a simbologia do **homem fáustico**, a mensagem de nossa pequena **tragédia do desenvolvimento**. Como **tudo que é sólido se desmancha no ar**, buscamos na modernidade algo perpetuamente; tudo pode ser construído, desconstruído e

reconstruído de forma incansável, pois a procura e fascínio pelo novo e/ou a novidade são o objetivo central de nossas ansiedades.

Sem resolução também ficará o cheiro do ralo. Depois de incomodar-se e temê-lo, o protagonista acaba por se entregar ao maior de todos os seus horrores – “Rastejo até o banheirinho. Tiro a toalha do ralo. Cheiro, cheiro, cheiro.” (p. 99). O problema aqui verificado é que o personagem ontologicamente inseguro não consegue sustentar uma narrativa contínua de sua existência, envolvido que está pelo medo dos elementos externos, não só o ralo, mas também todos os objetos carregados de histórias comprados de seus clientes – “... eu andava estressado. Porque tudo que eu compro, tem história. Tem sentimento. E eu, cansado, acabava os absorvendo para mim” (p. 45). Giddens (2002, p. 55) afirma que “Pessoas engolfadas por tais ansiedades podem procurar ‘misturar-se com o ambiente’ a fim de escapar de serem os alvos dos perigos que as assombram”. O sujeito perde a capacidade de neutralizar perigos iminentes, perde o **casulo protetor**, ou segundo Laing (apud GIDDENS, 2002, p. 55), o indivíduo passar a conhecer “a morte íntima”.

Se a morte moral já estaria sendo experimentada há muito pelo protagonista d’**O Cheiro do Ralo**, se nada fazia mais sentido reflexivo para a continuidade biográfica e a vida estava envolta na concepção de que nada mais de interessante havia para lhe oferecer, e se ansiedades e vazios já estariam em total simbiose com o **eu**, então lhe restava apenas a confirmação do fim: a morte física. Ela chega pelas mãos da mulher drogada que antes reconhecera no herói a face da mentira – “É porque o senhor não tem cara. É máscara mesmo. Se tirar fica só um buraco.” (p. 124); “O senhor tem a cara da mentira.” (p. 125). A mulher anuncia: “Eu trouxe uma coisa que é do senhor... Trouxe a única verdade.” (p. 140); e o revólver dispara-lhe contra o peito, trazendo-lhe um fim existencial há muito já experienciado pelo herói. O ralo vence e engole metaforicamente o protagonista: “Caio. O caminho é a queda. A queda me traga. Como um ralo.” (p.142).

### **Considerações finais**

Na análise aqui realizada em **O Cheiro do Ralo**, de Lourenço Mutarelli, constatou-se, por meio do seu herói, como o **eu** elabora sua narrativa biográfica no contexto da alta modernidade. A obra evidenciou que quanto mais ficcionalizada essa narrativa se constituir, mais frágil e problemática será a construção da

autoidentidade. Foram analisadas questões que envolvem a formação do indivíduo e sua interação com os **outros** e com o mundo, refletindo diretamente na composição de sua segurança ontológica e, por consequência, na sua confiança básica.

Destarte, notou-se que as ponderações realizadas neste estudo apontam para a importância de uma consciência reflexiva do sujeito no que se refere ao ser-e-estar no mundo dentro do contexto da alta modernidade e de suas demandas existenciais.

### **Referências**

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar – A Aventura da Modernidade**. Trad. Carlos Felipe Moisés; Ana Maria L. Ioriatti. 1. reim. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

FREUD, S. **Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana, Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. VI**. Rio de Janeiro: Imago, [1901] 1996a.

\_\_\_\_\_. **História de uma Neurose Infantil e Outros Trabalhos, Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XVII**. Rio de Janeiro: Imago, [1914] 1996b.

GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. Trad. Plínio Dentzen. São Paulo: Jorge Zahar, 2002.

MUTARELLI, L. **O Cheiro do Ralo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Recebido em 29 de fevereiro de 2016  
Aceito em 27 de maio de 2016